

O Potiguar

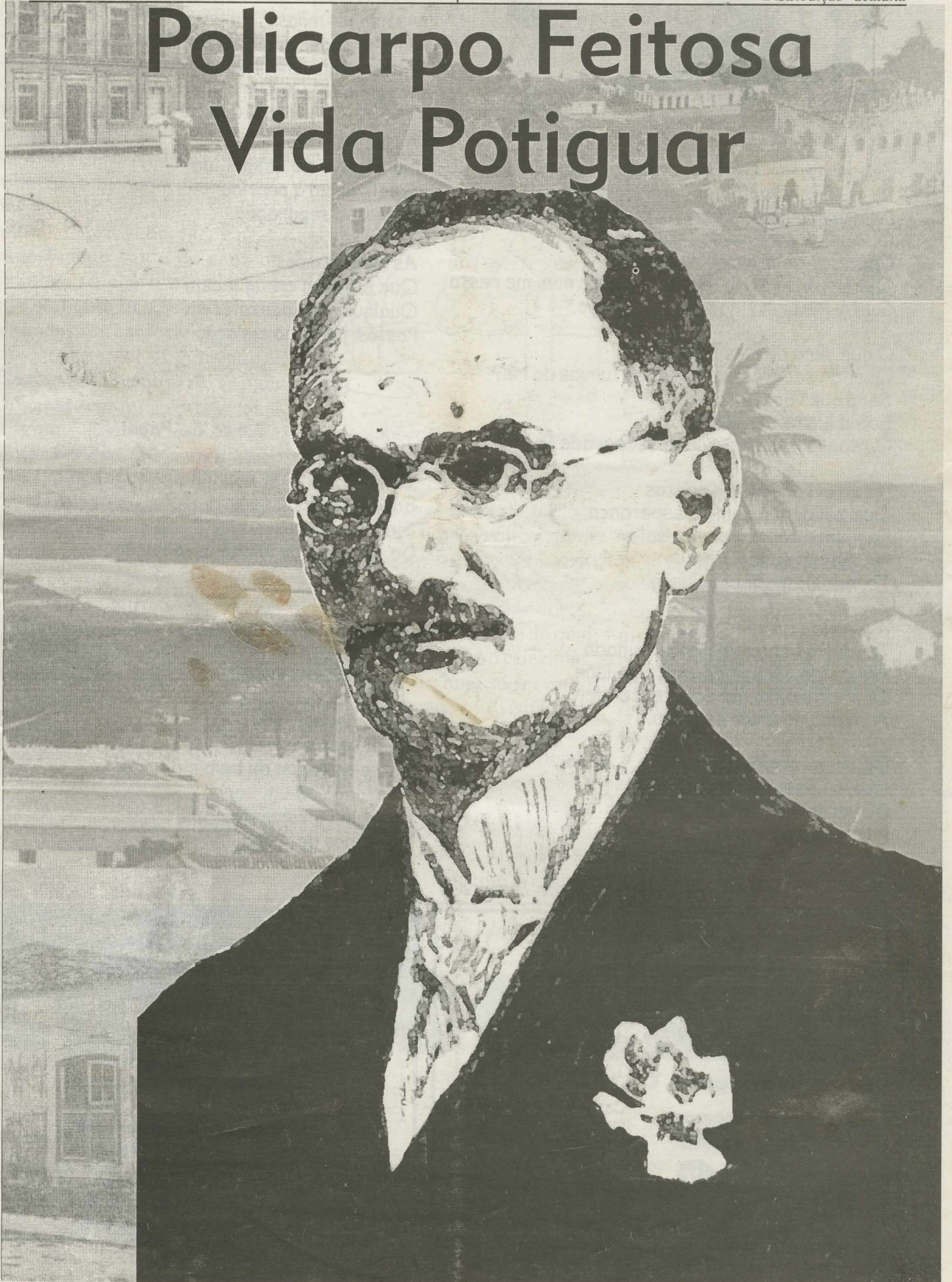
Ano IV

Nº 23

Março/Abril 2001

Distribuição Gratuita

Policarpo Feitosa Vida Potiguar





Canto da Ema

Desventura

Da marquise do tempo
 Observo esses poetas dolentes
 Grávidos de tangos e tragédias.
 Que um anjo os abençoe, porque a mim me resta
 Cantá-los com fina pena e tinteiro.

O que será desses poetas,
 Quando secarem as lágrimas turvas do rio?
 Será que vão chorar
 Sob a lua na sarjeta?
 Ou cantar uma canção desesperada?

Desafortunados os poetas
 Que perdem o dom da esperança;
 Enquanto contemplam o sol
 Perder-se no infinito
 Tornado arrebol de ilusão.

A partida do sol
 Traduz a perda da mulher amada
 Antes idolatrada em noite de luar,
 Quando a alma parecia reacender
 A chama do amor esconso.

E é nessa desilusão
 Que o poeta veste a cidade
 De versos melancólicos;
 Rebentos de sua dúbia ironia
 De viver e de morrer sutilmente.

Paulo Jorge Dumaresq

Minhas mãos

Hoje olhando as minhas mãos
 Vejo marcas deixadas
 Por unhas nelas cravadas
 No delírio da paixão.

As minhas mãos
 Com as suas foram dadas
 E agora desvencilhadas
 Tateiam na solidão.

As minhas mãos
 Num gesto de despedida
 Sinalizaram a partida
 Na nossa separação.

As minhas mãos
 Que lutaram enruguem
 Qualquer dia desfalecem
 Postas junto ao coração.

Joanir Cesar da Costa

Barco de Papel

Ontem eu era um marinheiro audaz
 Em arrebatada fúria
 Singrava mares
 Do tamanho de minha imaginação...

E com minha dura espada,
 Em pugna desesperada
 Derrotava chusmas
 De corsário e piratas...

Hoje, apenas, sou
 Aquilo que restou
 Entre as ondas do bem e do mal:
 Náufrago de um barco
 Feito, simplesmente,
 De folhas de jornal!...

Geraldo Ribeiro Caldas

EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

-João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-J. M. Vieira

Capa

-J. M. Vieira

Gerente Comercial

-Carlos Frederico Câmara


Impressão

-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

**A GALVÃO MESQUITA TEM BOMBAS
 E MOTOBOMBAS CENTRÍFUGAS
 PARA TODAS AS SUAS NECESSIDADES.**

DISQUE 
211.5282

SERVIÇO DE ENTREGA DA GALVÃO MESQUITA

Rua Dr. Barata, 217-/219 - Ribeira
 (próximo ao Terminal Rodoviário da Ribeira)
 E-mail: galmes@digicom.br

O que se bebia em paz

O que se bebia, antigamente, em Natal? Ah, você há de dizer que a mesma coisa de hoje, no que lhe responderia que, absolutamente, você está perfeitamente mais ou menos equivocado. Não seria a mesma coisa. Em primeiro lugar teríamos, assim na cabeceira da mesa, o caldo de cana.

Caldo de cana seria a primeira bebida que todo menino começava a beber. Bom para alimentar e pra saborear. Então, como seria o caldo de cana de antanho, se não o mesmo que hoje se bebe, não se sabe mais por onde? Ah, caldo de cana anos atrás, tinha valor circunstancial maior, possuía status de bebida tradicional e posicionava-se, ainda, como sustento e vida para muitas famílias. No antigo Mercado Publico da Cidade, aquele que Gentil Ferreira ergueu, fazendo das tripas, coração e inaugurando com festas oficiais, e que depois veio a ser devorado por chamas que eternizaram mistério do discutido fim, o Mercado, só nele, Natal possuía três, sendo o de Mestre Antonio, o mais freqüentado. Por um copo, dito americano, você tomava um caldo pequeno, pagando duzentos réis e, como reforço, um pão doce, para o qual você revertia outros duzentos réis. Então, por um cruzado, fruto da soma dos dois duzentos réis, você se ser-



via de saboroso caldo de cana e de gostoso pão doce.

Depois, havia o licor, que toda santa casa tinha de ter. Na casa que não houvesse licor, para as visitas, seria um deus-nos-acuda. Licor tinha que ser caseiro e saboroso. De várias cores, conforme a flor ou o fruto do qual era feito. Assim como o cafezinho, mas este ainda hoje se servindo adoidado, menos em visita e só na rua, repartições ou empresas.

Havia a limonada. A limonada, meu santo, tinha que sair de manhã, de tarde e de noite. Principalmente para se degustar no almoço e no lanche, além de se servir a outra visita que nos des-

se a honra de vir até a nossa casa.

E havia a batida. A batida, que hoje Nazi ainda serve, possuía o nome regional de cachimbo. Cachimbo era, nada mais nada menos, que dose de cachaça com uma medida de mel de abelha. Que, também poderia ser tomado só, para desentupir as vias respiratórias, como lambedor, para enfrentar as gripes dos meninos.

Havia a sangria, que hoje nenhum menino sabe o que significa, e era apenas vinho misturado com água e açúcar. E todos se envaideciam de ver a família unida, tomando sangria. Como o refresco, que ninguém chama assim, como se refresco não fosse um refresco para nossos atropelos, e aliviasse inúmeros dissabores.

E o vermute, o quinado, o conhaque e o moscatel, bebidas para rapazes e moças, enquanto os homens tomavam cerveja, ou da Antártica ou da Brama, porém sem briga e sem fusão. Todo mundo bebia sua cervejinha em paz, sorrindo muito, contando lérias, e não se discutia marca e se vivia em paz com Baco e os caras-pálidas.

Até que chegou o uísque. E aí o cara-pálida entrou, junto com outros de fora, e se abriu a porta e foi uma zoada só. Que continua!

Afranio Pires Lemos

O melhor programa das férias vem aí!

CURSOS DE FÉRIAS

De 9 de julho a 3 de agosto de 2001

Realização

UP UNIVERSIDADE
POTIGUAR

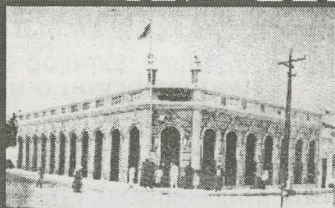
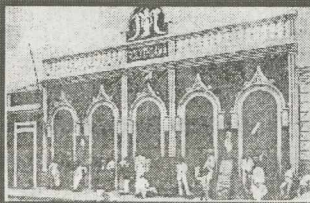
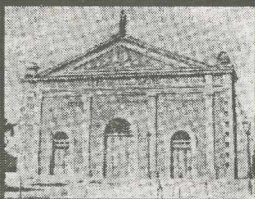
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
E AÇÃO COMUNITÁRIA

Informações e inscrições

DISQUEEXTENSÃO
215.1104

Revendo o século XX cinematográfico no RN

1ª Parte



Embora o século que passou tenha recebido impacto e influenciadores de outros segmentos culturais, nenhum destes segmentos conseguiu superar a influência do Cinema. A chamada Sétima Arte deu-nos a chance maior de conscientização, ao passar por seu crivo as ações corajosas ou covardes dos homens, as problemáticas sociais, as belezas criadas pelos artistas, os movimentos instintivos dos animais, as explosões fenomênicas da Natureza. Vejamos como estas imagens passaram ante o olhar norte-riograndense, década por década do século XX.

PRIMEIRA DÉCADA: INSTALANDO OS PRIMEIROS CINEMAS

Após as pioneiras exibições na Ribeira, em 1898, dos primeiros filmes vistos por espectadores no Rio Grande do Norte, e depois de outras mostragens de filmes, principalmente no então Teatro Carlos Gomes, nos primeiros anos do novo século, os empresários viram que bom mesmo era instalar os primeiros cinemas entre nós, em vez de esperar que exibidores esporádicos, vindos geralmente de outros Estados, viessem trazer as novidades do celulóide.

Justificando mais uma vez a tradição de pioneirismo da cidade, foi em Mossoró instalado o primeiro cinema do Estado. Foi o Cine-Teatro Dr. Almeida Castro (homenagem no nome a um dos primeiros médicos mossoroenses), iniciativa de Francisco Ricarte de Freitas, e inaugurado em 1908.

Mas a capital não quis ficar para trás. No ano seguinte, 1909, foi inaugurado o Cinema Natal, de propriedade da empresa Juvenal e Cia., e que mesmo assim era inferior ao cinema de Mossoró, porque instalado no interior do Teatro Carlos Gomes (não tinha prédio próprio). O primeiro cinema natalense com prédio próprio seria o Politeama, inaugurado na década seguinte, em 1911.

ANOS 10: A NECESSIDADE DOS PIANISTAS

Os filmes vistos nestes primeiros cinemas eram mudos. Se tivessem vozes a serem ouvidas pelo espectador não eram gravadas nos filmes, e sim em discos que eram rodados sincronizando com o movimento da passagem do filme na bobina. O cinema falado ainda não tinha pegado naquele alvorecer de século.

Daí a importância que tinham os músicos instrumentistas, principalmente pianistas, para ilustrarem sonoramente as cenas vistas na tela. Segundo Lauro Pinto, no livro "Natal Que Eu Vi" (1971), a orquestra de outro cinema natalense inaugurado nos anos 10, o Royal Cinema (inaugurado em 1913), "era uma das melhores de Natal. Ao piano o maestro Paulo Lira, violino Augusto Coelho, clarinete João Morais, flauta Manoel Petit e contrabaixo Calazans Carneiro". Outro escritor, Augusto Severo Neto, no livro "Ontem Vestido de Menino" (1985), menciona outros pianistas do Royal: Pedrinho Duarte e Moacyr Freire. No Politeama, foram pianistas inclusive algumas moças, como Chiquita Barros e Joanita Gurgel.

Augusto Severo Neto lembra que “nos filmes de ‘farwest’ o piano fazia, entre outras coisas, a imitação do galope dos cavalos”.

ANOS 20: VAMOS FAZER NOSSOS FILMES

A chegada dos anos 20, com todo aquele pensamento novo de colocar nossa fala e nossos costumes na produção cultural, idéia trazida pela Semana de Arte Moderna de 22, fez com que em todo lugar, por este Brasil afora, se pensasse em fazer cinema na própria terra.

Um jovem norte-riograndense que fora morar em Recife, Gentil Roys, contribuiu, em 1924, para um dos primeiros surtos do cinema regional no Brasil, ao criar na capital pernambucana, juntamente com Edson Chagas, a produtora Aurora Filmes, que em 1925 fez o filme “Aitaré da Praia”, considerado pelo crítico Alex Viany “uma grande afirmação do cinema genuinamente nacional”.

Um ano antes, em 1924, pela primeira vez uma câmara cinematográfica captava imagens da terra e da gente norte-riograndense. Por pedido do governador Jose Augusto, o jornalista Anfilóquio Câmara realizou no referido ano, tendo Aristides Junqueira como cinegrafista, o filme “Cine-Jornal do Rio Grande do Norte”, dividido em 13 partes diferentes, focalizando desde a cultura da cana de açúcar em Ceará Mirim até aspectos pitorescos dos bairros de Natal. O filme foi exibido no Politeama e Royal Cinema, a 18 de outubro de 1924.

ANOS 30: OS PRIMEIROS BALBUCIOS, COM SERIADOS, FANTASIA, APELOS POPULISTAS

Precisamente a partir do dia 7 de junho de 1931, o Royal Cinema começou a exibir o filme “O Cantor de Jazz”, do diretor norte-americano Alan Crosland, e um dos primeiros exemplos de filme falado e cantado. Era Hollywood reagindo, colocando o som nos filmes, contra a onda de filmes nacionais que ameaçavam pipocar por toda parte.

E a novidade tecnológica seduziu. Daí para frente todo cinema passou a ter estoque de filmes falados ou cantados, para alternar com os filmes mudos. Mas a técnica nova terminou por predominar (mesmo contra a inicial recusa de Charles Chaplin), ajudando homens, mulheres e crianças a vivenciarem melhor seus sonhos, suas fantasias, suas crenças. Via seriados, musicais, a Paixão de Cristo etc. É quando a voz agradável de Shirley Temple começa a encantar adultos e crianças em filmes como “Dada em Penhor”, “Princesinha das Ruas”, “A pequena Órfã”, “A Queridinha do Vovô”, “Heidi”, “O Pássaro Azul” – todos eles vistos por espectadores natalenses nos anos 30 e 40.

Quase ao fim da década, um novo cinema natalense foi inaugurado já plenamente dentro do espírito da era do sonoro. Foi o Cinema Rex, inaugurado a 18 de julho de 1936 com o divertimento musical “Melodias da Broadway de 1936”. Em 22 de junho de 1929 traria para o ecran natalense o primeiro desenho de longa metragem, “Branca de Neve e os

Sete Anões”, realizado pela equipe de Walt Disney.

ANOS 40: INVASÃO MACIÇA DE TIO SAM

São anos de guerra. Constrói-se em Natal, paralela à base aérea brasileira, uma base norte-americana, por onde possam transitar aviões que se destinavam aos combates Atlântico afora. Para pilotá-los vieram milhares e milhares de norte-americanos, mudando nossos hábitos. Dentre eles alguns já conhecidos dos espectadores por serem também atores de cinema. Na época, passaram por Natal ou viveram alguns dias em Natal, dentre outros, James Stewart, Clark Gable, Humphrey Bogart e Henry Fonda.

Concomitadamente, as técnicas diplomáticas trazidas com eles passaram a usar o cinema para impingir a ideologia americana. Vieram filmes como “Os Comandos Atacam de Madrugada”, “Nossos Mortos Serão Vingados” e o famoso “Casa Blanca” – filmes onde militares ianques eram as estrelas principais. Existiu também na época, atuando em Natal, um Comitê de Coordenação Interamericana, que promovia exibições de filmes ao ar livre. Em 1944, foram promovidas exibições na esplanada Silva Jardim, na Ribeira, e em frente ao prédio da Policlínica do Alecrim. É claro que não pagando nada, milhares de pessoas compareceram, para verem os noticiários sobre as atividades ianques e os filmes dos estúdios Disney sobre cantos populares e “costumes latino-americanos”.

Anchieta Fernandes

Seja mais que ALUNO
Seja aprendiz de CIDADÃO
Congregação Filhas do amor Divino

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Semi-Internato



Colégio
**Nossa Senhora
das Neves**

Fone: 211 4566
Fax: 211 8820

Antônio de Souza

Antônio José de Melo e Souza nasceu no Engenho Capió, vila de Papari – RN (atual município de Nísia Floresta), aos 24 de dezembro de 1867. Era o primeiro filho do Tenente Coronel José de Melo e Souza e d. Maria Emília de Melo e Souza.

Em 1876, aos 8 anos, seguiu para a cidade do Recife, hospedando-se na casa do tio e padrinho Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto, professor da Faculdade de Direito, matriculando-se no Colégio São Tomás de Aquino, por alguns dias apenas, viajando em fins do mês de dezembro, na companhia do padrinho, para o Rio de Janeiro onde, no ano seguinte, frequentou três estabelecimentos de ensino, um dos quais o Colégio São Salvador.

De volta ao Recife, em companhia do padrinho, estudou em diversos estabelecimentos, no período de 1878 a 1884, destacando-se o Ginásio Pernambucano, Colégio 2 de Dezembro e o Colégio 7 de Setembro.

Em 1885 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, formando-se em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1889.

Retornando ao Rio Grande



do Norte exerceu os cargos de Promotor de Justiça na Comarca de Goianinha (1890-1892); Deputado Estadual (1892-1894); Diretor da Instrução Pública (1892-1895); Procurador da República (1895-1899); Secretário de Governo (1899); Procurador Geral, “Com assento no Tribunal de Justiça” (1900); Governador, a 23.02.1907, em substituição a Tavares de Lira, (nomeado Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo Presidente Afonso Pena); Senador da República (1908) substituindo a Pedro Velho que havia falecido no ano anterior; Senador na 9ª Legislatura (1915-1917); Governador do Estado (1920-1924); Consultor Geral do Estado (1924) e, finalmente, Secretário Geral do Estado.

Sua administração à frente do governo foi marcada pela austeridade, observada por Antônio Soares de Araújo no *Dicionário Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*: “No governo, como no exercício de outros cargos públicos (...), o Dr. Antônio de Souza manteve sempre uma invariável conduta moral e revelou aptidão, critério e honestidade”.

Com efeito, como Governador “implantou escolas, revitalizou o sistema financeiro, implementou ações conseqüentes na área sanitária, construiu estradas e procedeu a iniciativas destinadas a atenuar os efeitos da estiagem que assolava o Rio Grande do Norte. Elevou à categoria de vila as povoações de Parelhas (Lei nº 478 de 26.11.1920) e Barriguda, que passou a denominar-se Alexandria (Lei nº 572, de 03.12.1923).”

Sua atividade jornalística foi intensa, colaborando em diversos jornais e revistas, muitas vezes com os pseudônimos de Policarpo Feitosa, Joannes Silva e Francisco Macambira.

Na Revista do Rio Grande do Norte, do Grêmio Polimático, publicou diversos textos, destacando-se a novela *Sertaneja*, publicada nos fascículos nº 5 e 6,

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DO RN - AAP/RN

- **POLICLÍNICA DO ALECRIM**
- **SUB-SEDE REGIONAL EM TODOS OS MUNICÍPIOS QUE COMPÕE A GRANDE NATAL, C. MIRIM, EXTREMOZ, SÃO GONÇALO E PARNAMIRIM**
- **LABORATÓRIOS, MÉDICOS, FARMÁCIAS E ÓTICAS**
- **180 MÉDICOS CREDENCIADOS EM TODAS AS ESPECIALIDADES PARA ATENDER 90 MIL APOSENTADOS E PENSIONISTAS, COM 14 LABORATÓRIOS**

Luís Fabrício A. de Oliveira
PRESIDENTE

Edf. Barão do Rio Branco, 571 - Centro - 4º Andar - Sala 414 - Natal - Rio Grande do Norte
Fones: (84) 222-4145 / 201-8766 / 201-2982

GRÊMIO POLYMÁTICO

(Associação de estudos literários—fundadora e proprietária da REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE.)

FUNDADORES

Antonio de Souza, Alberto Maranhão, Manoel Dantas, Pedro Avelino, Thomaz Gomes.

PRESIDENTE

Antonio de Souza

SECRETARIO

Pedro Soares

SOCIOS EFFECTIVOS

Auto de Souza, Alberto Maranhão, Manoel Dantas, Pedro Avelino, Augusto Lyra, Henrique Castriciano, Homem de Siqueira, Juvenal Lamartine, Pinto de Abreu, Meira e Sá, Luiz Fernandes e Horacio Barretto.

SOCIOS CORRESPONDENTES

Alfredo de Carvalho, em S. Paulo; José de Berredo, no Maranhão; José da Penha, no Rio de Janeiro.

Sede—RUA DR. BARATA, N. 5—NATAL

BIBLIOTECA DO GRÊMIO POLYMÁTICO

OBRAS PUBLICADAS :

REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE—Anno I, vol. I
RUINAS—Versos. Henrique Castriciano.

NO PRELO :

MÃE—Poemeto. Henrique Castriciano.

OBRAS A PUBLICAR :

HORTO—Versos. Auto de Souza.
ALMA E PATRIA—Poema cívico : *Homem de Siqueira*.
A VIDA POTYGEAR—Crítica de costumes. *Auto de Souza*.
HORAS DE OCÍO—Historia e litteratura. *Alberto Maranhão*.
FAVONIOS—Contos e chronicas. *Zephirino Arruda*.
CHOROGRAPHIA DO RIO GRANDE DO NORTE—*Alberto Maranhão*.
O ENGRITADO—Drama. *Henrique Castriciano*.
SUPREMA DOR—Drama em verso. *Henrique Castriciano*.
CINZAS—Versos. *Henrique Castriciano*.

EM PREPARAÇÃO :

LIVRO AZUL—Contos e phantasias. *Manoel Dantas*.
A REDE—IPÇÃO DE SATAN— Poema symbolico. *Henrique Castriciano*.
O PHTYSICO—Romance. *Henrique Castriciano*.
ENSAIOS PHILOSOPHICOS—*Antonio de Souza*.
DO CANTO À BICA—Crítica de costumes—*Polycarpo Feitosa*.
COMBATES—Ensaio litterarios. *Pedro Avelino*.

Polycarpo Feitosa
(DO GRÊMIO POLYMÁTICO)

SERTANEJA

* NOVELA *

NATAL-RN
1899

REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE

de novembro/dezembro de 1899.

Somente em 1928, aos 61 anos, publicou seu primeiro livro, o romance *Flor do Sertão* (Tipografia de A República - Natal, 1928), sequenciando com a publicação de *Gizinha*, romance (Tipografia do Anuário do Brasil - Rio de Janeiro, 1930 - 2ª ed. Fundação José Augusto - Natal, 1965); *Alma Bravia*, romance (Estabelecimento Gráfico Apolo - Rio de Janeiro, 1934); *Encontros do Caminho*, contos (Estabelecimento Gráfico Apolo - Rio de Janeiro, 1936); *Os Moluscos*, romance (Oficina Gráfica Renato Americano - Rio de Janeiro, 1938); *Jornal da Vila*, poesias (Officinas Gráficas Sffredd & Gravina Ltda. - Rio de Janeiro, 1939); *Gente Arrancada*, romance

(Estabelecimento Gráfico Friedrich Fuchs - Rio de Janeiro, 1941); *Dois Recifes com sessenta anos no meio*, memórias (Imprensa Industrial - Recife, 1945); e o livro postumo *Quase romance... Quase memória...* (Edição da Imprensa oficial do Rio Grande do Norte - Natal, 1969 - organização e introdução de Manoel Rodrigues de Melo).

Publicou, ainda, as seguintes plaquetes: *Questão de Limites com o Estado do Ceará* (Empresa de A República - Natal, 1902); *Explicações Elementares sobre a Constituição Política do Rio Grande do Norte* (Tipografia de A República - Natal, 1909); *À Margem duma Conferência* (Tipografia de A República - Natal, 1916); *Carta Familiar* - "Aos Membros da Convenção de

24 de maio de 1919. - Pelo candidato que escolheram ao cargo de Governador no período de 1920 - 1923 (Tipografia Comercial J. Pinto & Cia. - Natal, 1919); *Discurso de paraninfo da Primeira Turma de Professores da Escola Normal de Mossoró* (Empresa Tipográfica Natalense Ltda. - Natal, 1925); *Dom Pedro II*, conferência pronunciada no Colégio Dom Pedro II, de Ceará-Mirim (Tipografia J. Pinto & Cia. - Natal, 1926).

No dia 5 de julho de 1955, na cidade do Recife, faleceu Antônio José de Melo e Souza, o Polycarpo Feitosa, sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Grêmio Polimático.

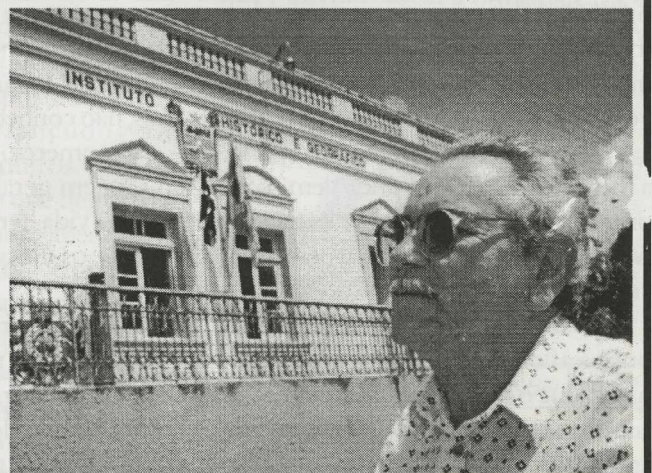
João Gothardo Dantas Emerenciano



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte foi fundado no dia 29 de Março de 1902, numa reunião no salão da Biblioteca estadual, que funcionava no prédio do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Às 12 horas em ponto, em sessão solene presidida pelo Desembargador Vicente de Lemos, foi lavrada a ata de criação do Instituto, que teve como membros os seguintes sócios fundadores:

- Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão
- Olímpio Manuel dos Santos Vital
- Francisco de Sales Meira e Sá
- Vicente Simões Pereira de Lemos
- Francisco Carlos Pinheiro da Câmara
- Francisco Pinto de Abreu
- Luis Manuel Fernandes Sobrinho
- Manoel Dantas
- Tomás Landim
- Cel. Pedro Soares de Araújo
- Cel. Joaquim Manuel Teixeira de Moura
- Veríssimo de Toledo




Vida Potiguar

(Primeiro capítulo de um livro que o autor não escreveu por inútil)

O que o estrangeiro não vê. – A Cidade. – O essencialmente agrícola. – A falta de iniciativa. – O título de eleitor. – As classes. – Os transeuntes. – O empregado público. – As repartições. – Federal e estadual. – O prestígio do estrangeiro. – A fala atravessada. – A flor dos costumes.

1ª PARTE

 Quiseram bem saber qual é a primeira e, portanto, segundo dizia do pensamento daquela velha raposa Talleyrand, a melhor impressão que sente o estrangeiro ou o brasileiro do sul quando, aportando às *plagas potiguares*, pisa pela primeira vez o solo do cais Pedro de Barros ou aquela *arapuca* da alfândega.

Pönho de parte e, pois, dispensem-me de saber a opinião daqueles que já trazem *informações*, que “já sabiam o que isto era”, como eles dizem.

Ao aproximar-se do nosso porto o estrangeiro não vê logo o que, antes de tudo, esperava ver, aquilo que com tanto e tão louvável entusiasmo viram em outros pontos da costa tão vasta do nosso Brasil os Agassiz, os de la Hure e outros que pouco mais acharam, ou antes, nada mais acharam para admirar: a vegetação luxuriante, a floresta esplêndida, sombria e intrincada, cuja verdura incomparável e perpétua tanto seduz os que nasceram e cresceram nesses *amáveis* climas onde uma temperatura de 2° acima de zero é doce e amena...

Outra coisa que o estrangeiro não vê é a cidade.

O habitante do interior, o matuto que tem tantas vezes uma linguagem original, pitoresca ou expressiva, chama isto aqui – a *Cidade*: “Brevemente irei à Cidade”; “a semana passada estive na Cidade,” etc.

Para ele é a *Cidade* por excelência, a metrópole indígena, onde vem comprar o que precisa e saber *notícias da política* que são-lhe tão indispensáveis como a alimentação e o vestuário.

Costuma-se dizer por aí, entre cem outras afirmações consagradas e gratuitas, que o país é essencialmente agrícola e, portanto, o povo essencialmente agricultor. Não há tal.

O que o brasileiro é, acima de tudo, o potiguar principalmente, é um povo *político*. Mas não é aqui o lugar para tratar disto.

A modesta capital, dividida em dois pequenos bairros de ruas impossíveis, ou sem calçamento ou grosseiramente calçadas de pedra bruta, sem edifícios, sem jardins, com pequeno comércio e nenhuma indústria, parecerá mais uma vila pacata de interior do que uma capital marítima.

Sem iniciativa para empreendimento de qualquer natureza, sem coragem para mais trabalho além daquele que lhe é absolutamente indispensável para subsistir, não tendo, em regra outras aspirações que não sejam possuir alguma coisa e ser alguém *na política*, o potiguar vive como quem espera que os melhoramentos de qualquer espécie, os benefícios, o progresso lhe caiam prontos e sem trabalho seu, do alto do céu ou do alto do governo. E é este, penso eu, o vício fundamental da educação indígena.

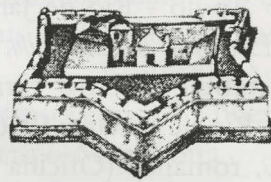
A iniciativa do indivíduo, a coragem e a confiança de lançar-se ao trabalho, arriscando, pequenos capitais de que disponha, fazendo voluntário sacrifício dos seus cômodos, do seu descuidoso viver de habitante de um país onde a vida é fácil, essa iniciativa tão proveitosa e fecunda que caracteriza o norte-americano, o norte-riograndense, feitas pouquíssimas exceções, não conhece.

O comércio ou o emprego público são, em geral e conforme, ao começar a vida, tem ou não alguma coisa *de seu*, os únicos meios que procura para viver.

A agricultura cada dia, em vez de ver aumentar o número dos que a ela se dedicam, porque, afinal de contas, com a índole do povo, é a única de que poderá vir ainda um futuro me-

lhor, vê, pelo contrário, desertarem os braços para a vida *mais descansada* do pequeno comércio e do emprego público sem carreira.

Num Estado como este, onde, efetivamente, e graças em primeiro lugar à falta de iniciativa de que há pouco falou-se, a agricultura, além de ignorante e atrasadíssima, vive cercada por obstáculos de toda espécie que impedem o seu desenvolvimento normal, obstáculos produzidos pela falta de comércio direto com os mercados consumidores, pela falta de capitais, pequenos embora, que a auxiliem, - neste Estado agrícola, só é agricultor quem, bem examinadas as coisas, sem proteção, sem dinheiro e sem ao menos saber assinar o nome para *arrumar* um emprego, não vê meio de ser outra coisa...



A vida social, se por tal entende-se a colaboração de todos para o bem estar da coletividade, da qual naturalmente, resultará o bem estar de cada um; se tal é a ação do espírito de solidariedade inquebrantável e irresistível de todos por um e de um por todos, essa vida social nós não a temos.

Sob esse ponto de vista parece que o potiguar é mais adiantado do que os da vanguarda deste século de egoísmo, de individualismo, de cada um por si e o diabo que carregue os outros.

Além da solidariedade política – e essa mesma essencialmente condicional e mudável – não há nenhuma outra, nem ainda religiosa.

Não há espírito de associação para fim algum, científico ou literário, moral ou religioso, filantrópico ou de

mútua beneficência.

Vivendo para si e os seus, o que todavia, não está demonstrado que seja em todos os pontos incompatível com o altruísmo, sem grandes aspirações de espécie alguma, pobre, sem iniciativa, qual é o futuro do patricio?

Além do tempo que consagra ao trabalho indispensável para a manutenção própria e da família, ele só dedica uma parte do resto à *política*. Ainda quando viva da agricultura, do comércio ou da pequena indústria, as profissões menos relacionadas com a referida política, (digo menos relacionadas, porque aqui, é característico, todas o são) e únicas que podem dar-lhe tal ou qual independência, ele não pode, por índole, por educação e por hábito, deixar, um dia que seja, de preocupar-se com ela.

Para o potiguar o título de eleitor não é precisamente o documento público que o habilita ao exercício de um direito político — o de tomar parte, como cidadão, no governo de seu país, elegendo aqueles que têm de fazer as leis e os que deverão executá-las —; o título é principalmente um diploma que lhe dá o direito à consideração dos chefes, à esperança de um emprego, ao agrado dos *cabalistas* em vésperas de eleição, a uma patente da Guarda Nacional e a muitas outras coisas elevadas e superfinais...

Assim, se os pais não são geralmente tão solícitos quanto seria para desejar em fornecer aos filhos uma educação e uma instrução compatíveis com as suas posses e com o meio em que vivem, todavia não esquecem a obtenção, quase sempre antes da idade legal, por meio de toda espécie de arranjos, inclusive certidões mais que duvidosas, do tão almejado título de eleitor.

Daí, entre outras glórias que indiscutivelmente cabem ao potiguar, como a de ser patricio de Miguelinho e Camarão, o direito que assiste-lhe à glória *industrial* e política da fabricação, em larga escala, dos bens conhecidos *fósforos* eleitorais.

Parece escusado notar que, fazendo generalizações desta natureza, entendendo ficarem sempre devidamente ressalvadas as competentes e um pouco raras exceções.

A predisposição *política* faz de tal modo parte integrante, inseparável, da

índole do indígena que, ainda nos tempos — naqueles “ominosos tempos” — em que o Rio Grande do Norte era uma reles província, burgo-podre onde os filhotes de alto coturno vinham fazer aprendizagem do grande curso de trapaças, de maquinações e de politicagem sórdida que, com o tempo, deveriam infalivelmente guiá-los aos cimos do poder, naqueles tempos, digo eu, já havia, e não poucas, fábricas de *fósforos* devidamente privilegiadas, com gerentes diversos (conforme o partido que estava *de cima*) e com *garantia do governo*.

A capital, além dos negociantes e dos soldados, é composta quase exclusivamente de empregados públicos.

Nas ruas oitenta por cento dos transeuntes, cheios de si, olhando de alto para o próximo e só cumprimentando os superiores, são empregados. Há os federais, estaduais, municipais; e cada uma dessas administrações tem um exército deles.

Falei em transeuntes cheios de si. Creio não exagerar afirmando que um dos mais evidentes e mais cômicos característicos da terra, principalmente na classe, mais avultada, do funcionalismo, é justamente essa *proa* (permitam a expressão popular porque é pitoresca e expressiva) que os patricios erguem em público.

O indivíduo que anda na rua traz quase sempre — porque não direi — sempre? — uma cara de circunstância, própria para a rua, como o casaco e o chapéu; carregada ou zombeteira, simplesmente circunspecta, afável ou apalermada, nunca é, e aqui menos que em qualquer outra parte, a cara caseira, cômoda, *à fresca*, do interior do lar.

O tipo mais comum do frontispício indígena é um misto de superioridade própria aliada ao desprezo ou pouco caso do próximo. Vejam vossas mercês ali aquele sujeito que passa, teso como um poste ambulante, olhando carrancudo ou desprezador para os outros. Pensam que é alguém? Aham que dentro daquela *proa* vai um grande saber ou um brilhante talento, um elevado poder ou, ao menos, a representação de um gorro do cofre repleto do vil dinheiro?

Não é ninguém, meus amigos; um empregado qualquer, com obrigação das dez às três e cento e cinquenta ou duzentos mil réis de ordenado men-

sal.

Vêem aquele outro que aborda o amigo negociante com uma superioridade protetora e condescendente para dar-lhe dois dedos de *prosa*?

Deve-lhe, há meses, uma continha, ou pretende abrir outra.

A tal *superioridade* vê-se a cada passo nos cumprimentos de urbanidade usados, ou que deveriam ser usados na rua. É comum encontrarem-se dois sujeitos conhecidos e não cumprimentarem-se porque cada um espera que o outro o faça primeiro.

E muitas vezes o cumprimento é feito de tal modo, com tão manifesta má vontade e tanto aborrecimento que, para mim, seria preferível não fazer nenhum.

Indivíduos há que levam a mão à aba do chapéu como quem faz o conhecido gesto ao qual, nunca pude saber porque, deram o nome de uma fruta. Outros (ou esses mesmos) dizem “bom dia” ou “boa noite” como quem diria “vá para o diabo que o carregue”, ou semelhante amabilidade. Outros, em posição social reputada inferior, e esses são em grande número, deixam de cumprimentar um indivíduo de posição mais elevada, que conhecem bem e do qual não têm o mínimo motivo de queixa, para não passarem por adulares... Verdade é que os tais superiores são algumas vezes tão tola mente orgulhosos que pode ser justo, aquele procedimento.

Em casa, porém, o potiguar como todo brasileiro é afável, cortês e generoso, às vezes em demasia, cheio de oferecimentos instantes, de “pois não”, de “está às suas ordens”, e convidando para jantar com a máxima facilidade o *simples conhecido* que ali vai a negócio, sem lembrar-se dos apertos em que poderá colocar a dona da casa, a qual muitas vezes só tem a costumeira carne seca com feijão dos dias ordinários.

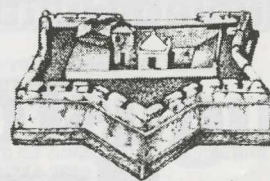
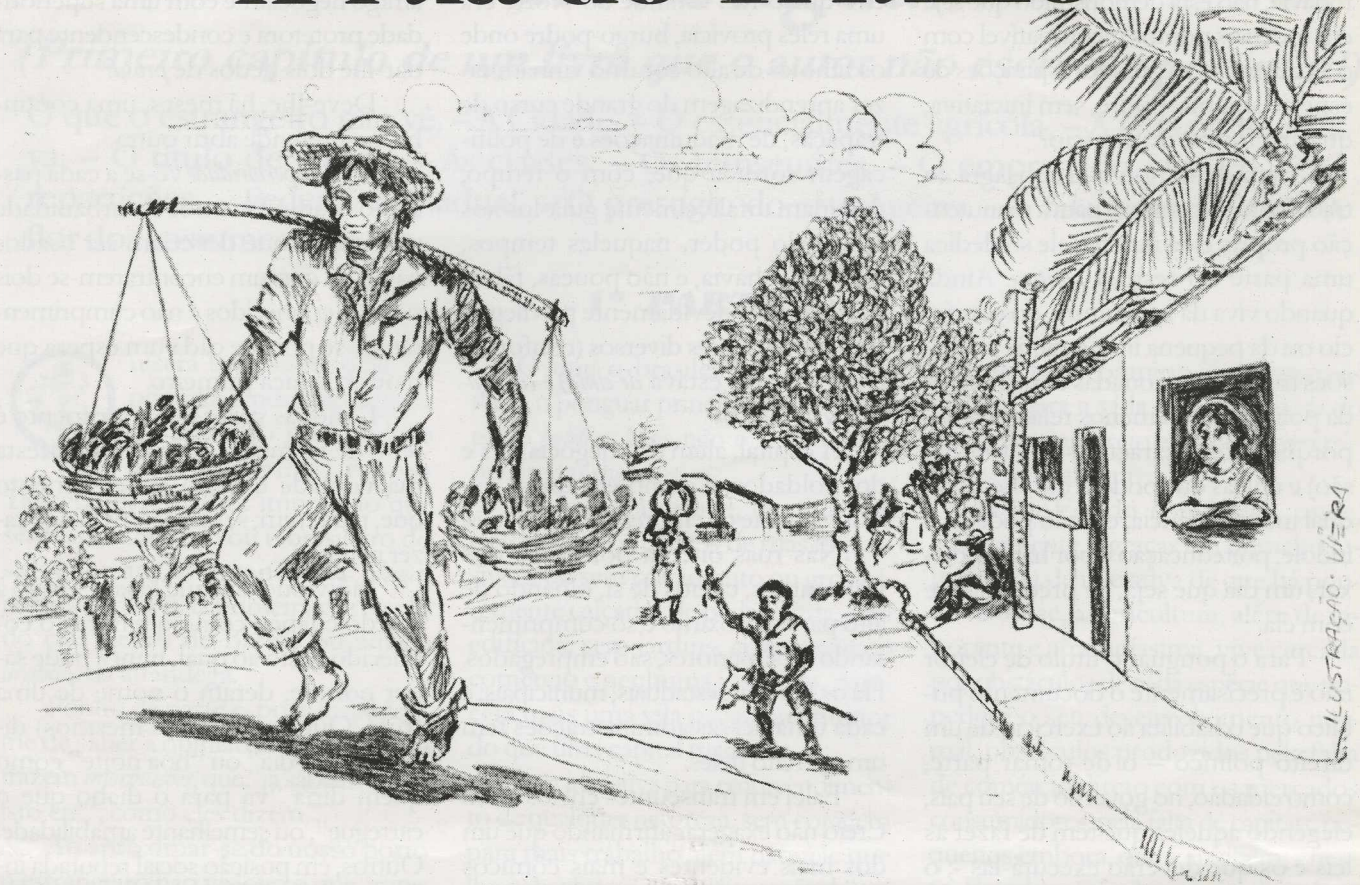


ILUSTRAÇÃO: FAVES SILVA

Policarpo Feitosa

Extraído da Revista do Rio Grande do Norte, N° 5, Agosto/1898

A rua do Triunfo



A rua do Triunfo, hoje 15 de Novembro, fica localizada no bairro da Ribeira. Naqueles idos de 1920 era habitada por famílias. Lá para o fim da rua, fazendo esquina com a travessa do Triunfo, é que existiam algumas residências escusas. (Hoje é a artéria do “basfond”.)

Revejo mentalmente a fisionomia dos seus residentes. Nós éramos da rua do Triunfo. Os nossos vizinhos do lado direito: D. Oliva e seu Pedro Piloto. Esse ca-

sal criava uma menina chamada Maria Antonieta. D. Oliva Cunha, ótima criatura e ótima costureira, era comadre de mamãe. Os nossos vestidos eram costurados por ela. D. Oliva tinha uma freguesia bastante numerosa. Até as “mulheres” residentes na artéria mandavam costurar seus vestidos por tão boa costureira. A recordação que tenho de D. Oliva é vê-la sentada numa máquina de manhã à noite. Plac... plac... plac... era o ruído da máquina que não parava de trabalhar.

Maria Antonieta, muito dengosa, foi criada com muita adulação e carinho. D. Oliva procurou dar-lhe uma educação esmerada. Com tanta adulação e tendo certa instrução, a negrinha aprendeu a tocar piano e a pintar, mas tornou-se pedante. Só queria “botar banca”, e como tal, tornou-se orgulhosa. Maria Antonieta foi minha professora de desenho. Ainda hoje tenho os cadernos dos meus célebres desenhos. Às vezes, quando eu ia aprender a desenhar, encontrava Maria tocando piano. Embevecida,

ILUSTRAÇÃO: VIEIRA

Núcleo Cultural



Augusto Maranhão

COLÉGIO MARISTA DE NATAL



-UNBEC-

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-5505 - Fax:(084)212-1216-
<http://www.natal-marista.com.br-natep>
@natal-marista.com.br

ficava ali escutando a pianista, com vontade de aprender também.

Gostava muito de vê-la tocar "A Caridade".

*Fazer a caridade,
É ter felicidade,
Porque da gente o coração,
Só chegará a perfeição,
Fazendo o bem a Humanidade".*

Maria tocava e eu cantava "A Caridade". Não sei porque 'cargas d'água', a professora simpatizou comigo. Éramos amigas, nunca brigávamos. Já com as outras meninas da redondeza, a coisa era muito diferente. Ninguém "topava" Maria Antonieta. Havia fuxicos, briguinhas, etc.

Na rua do Triunfo, morava uma garota chamada Nenen que não gostava de Maria. Nessa época apareceu uma modinha que cantavam muito. Eis a letra:

*Borboleta não é ave,
Borboleta ave é (bis)
Borboleta só é ave,
Na cabeça da mulher*

A Nenen parodiando a modinha, versejou:

*Borboleta não é ave
Borboleta ave é, sim. (bis)
Borboleta só é ave.
No cabelo pixaim.*

Foi um Deus nos acuda! Maria quase morre de raiva. D. Oliva e seu Pedro Piloto ficaram seriamente

aborrecidos. Só se escutava o zum-zum. Foi comentadíssimo esse caso preconceituoso e jocoso em que a Nenen botando as "manguinhas de fora", criticou as qualidades físicas de Maria.

Assim transcorria a nossa vida na rua do Triunfo.

Os vizinhos da frente, a família do sr. Artur Varela Barca, não "topava" com o casal Piloto e muito menos com Maria. Os filhos de seu Artur, uns meninos endiabrados, trataram de botar apelidos nos vizinhos. D. Oliva era o "cabaré do dia", seu Pedro Piloto, o "cabaré da noite", sendo que Maria era a "pinta cega". (Maria ganhou esse apelido porque "sofrendo" da vista, precisou usar óculos).

O casal Artur Varela e D. Marcolina, apesar de ter muitos filhos, era um casal desajustado.

D. Marcolina, coitada, sofria muito. A vizinhança comentava os maltratos que o marido infligia à pobre da esposa. Diziam até que toda sexta-feira da Paixão de Cristo, o marido da D. Marcolina aplicava-lhe tremenda sova. O finado Artur Varela (que não lhe sirva de pena) era um verdadeiro "monstro". Um tipo alto, moreno, feioso, usando óculos. Seu Artur tinha um "cacoete": abria e fechava os olhos quando conversava com a gente. Diziam os "filhos da Candinha" que seu Artur quando comprava galinhas, peruas, etc, costumava examinar as aves para ver se elas tinham ovos. Aconteceu até um

caso que causou risos a quem teve ocasião de assistir. Durante a encenação de uma comédia do circo que sempre visitava a nossa capital, um dos palhaços exclamou em tom patético: "suspenda a rabada e traga os ovos!". As torrinhas gritaram ruidosamente: "Artur Varela em cena! Artur Varela em cena!".

Toda a assistência ria às bandeiras despregadas. Não era para menos...

Seu Artur ficou danado de raiva.

Abria e fechava os olhos sem querer parar, olhando para cima, para as torrinhas. Certa ocasião, quando mudamos de uma casa para outra situada na mesma rua, seu Artur Varela veio pressurosamente procurar um objeto nos fundos do quintal da casa que ocupamos. Procurou ... procurou ... e como não encontrasse, dizia na rua, na calçada, cercado por diversas pessoas, "eu só penso que foi minha cunhada que roubou a tampa do penico!". Esse era o objeto que seu Artur Varela procurava com tanto afã. Que calibre! D. Marcolina, coitada, era uma "pomba sem fel". Só vivia trabalhando, sofrendo, e... apanhando. Nossa!

Lembro-me das suas pernas cheias de varizes. Anos depois o casal separou-se. D. Marcolina foi para o sul com os filhos. Seu Artur ficou em Natal.

Texto escrito em 1960 (inédito)

Nati Cortez



HIPÓCRATES
REDE DE ENSINO

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Cursinho Pré-Vestibular

"A equipe que mais aprova"

Educação Infantil

Supletivo

UNIDADES NATAL

CENTRO
R. Jundiá, 421 - Centro
Tel.: (0**84)222-4367

ZONA SUL
Av. Alam. das Mansões, S/N - Candelária
Tel.: (0**84)206-7729

ZONA NORTE
Av. Paulistana, 1897 - Panatis
Tel.: (0**84)214-2947

PONTA NEGRA
R. Profa. Dirce Coutinho, 1989 - Capim Macio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do Restaurante Tábua de Carne
Te.: (0**84)642-1490

CIDADE VERDE
R. Cap. Heraldo Cunha, S/N - Cid. Verde
Nova Parnamirim - Tel.: (0**84)608-0641

UNIDADES JOÃO PESSOA

MIRAMAR
Av. Pte. Epitácio Pessoa, 3955 - Miramar
Tel.: (0**83)247-2294

BESSA
R. José Ferreira Nunes, S/N - Bessa
Tel.: (0**83)246-1811

LUNA
R. Casimiro de Abreu, 50 - Jardim Luna
Tel.: (0**83)244-2519

UNIDADE CAMPINA GRANDE

HIPÓCRATES
Pça. Antonio Pessoa, 111-A
Tel.: (0**83)322-7951

Candelária

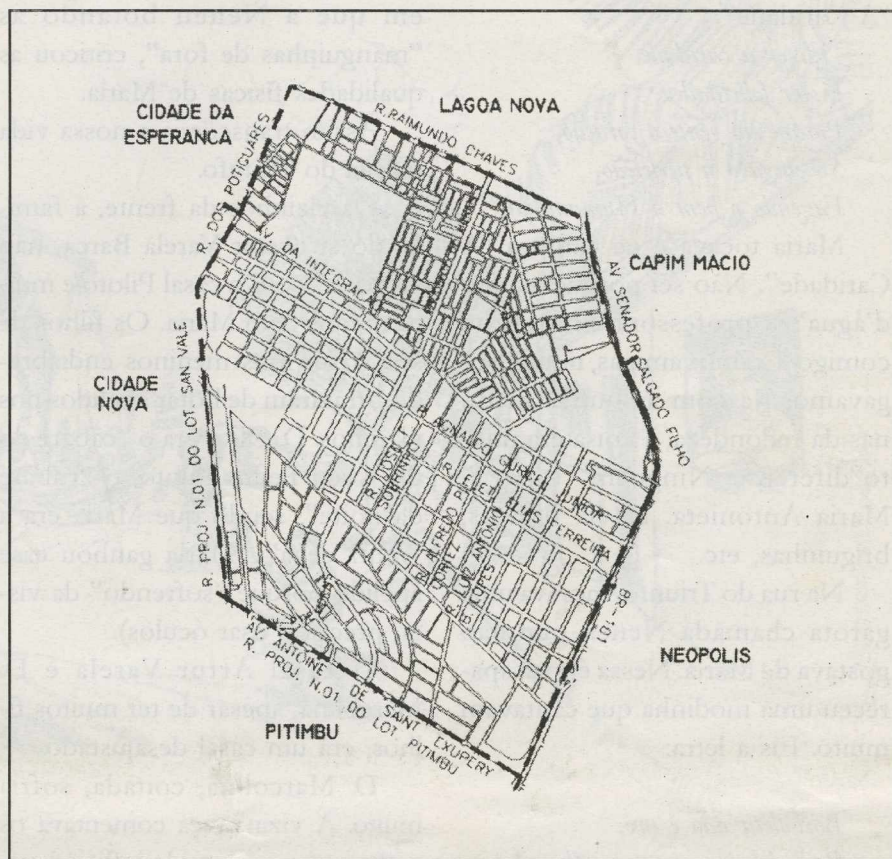
O bairro da Candelária surgiu a partir do conjunto erguido pelo Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais-INOCOOP-RN, tendo recebido a denominação em concurso ganho pela diretora do órgão, Sra. Rosário Porpino. De crescimento modesto na década de 70, atualmente é uma das áreas nobres de Natal.

A área onde hoje se encontra o conjunto foi comprada pelo INOCOOP ao Sr. José Gurgel do Amaral Valente. Distante 7 quilômetros do centro da cidade, em terreno de dunas. Tem como destaque o Alto da Candelária, área de mansões.

Em 1975, foram entregues 2.140 casas. Em 1983 instala-se o Bairro Latino e em 1989, o Vila Morena, ambos conjuntos residenciais.

A ocupação do local se deu, em princípio, pela população de classe média, habitantes das casas do conjunto. Mais tarde, vieram os ocupantes de prédios e residências de alto padrão.

O bairro da Candelária é exemplo de organização comunitária atuante. Através do seu



Conselho - CONACAN - a população participa das decisões e reivindicações que afetam a vida de seus habitantes.

Na década de 80, o bairro ganhou seu equipamento de segurança - a 5ª Delegacia de Plantão.

O Natal Shopping Center é um referencial para o comércio e lazer da cidade e do bairro em que está inserido, a partir do início dos anos 90.

Recentemente, ocorreu o prolongamento da avenida Prudente de Moraes, que corta o bairro e o liga ao Pitimbu através de via expressa.

Candelária foi oficializada como bairro quando da definição de seus limites pela Lei n.º 4.330, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

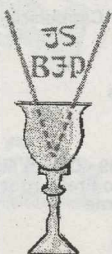
Paulo Venturele Paiva de Castro

VENERÁVEL IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

NATAL - RN



Participação em eventos
Natal 400 anos
Brasil 500 anos
Festas Natalinas 1999-2000
Início do 3º Milênio



FUNDAÇÃO: 25 DE DEZEMBRO DE 1825

ADMINISTRAÇÃO

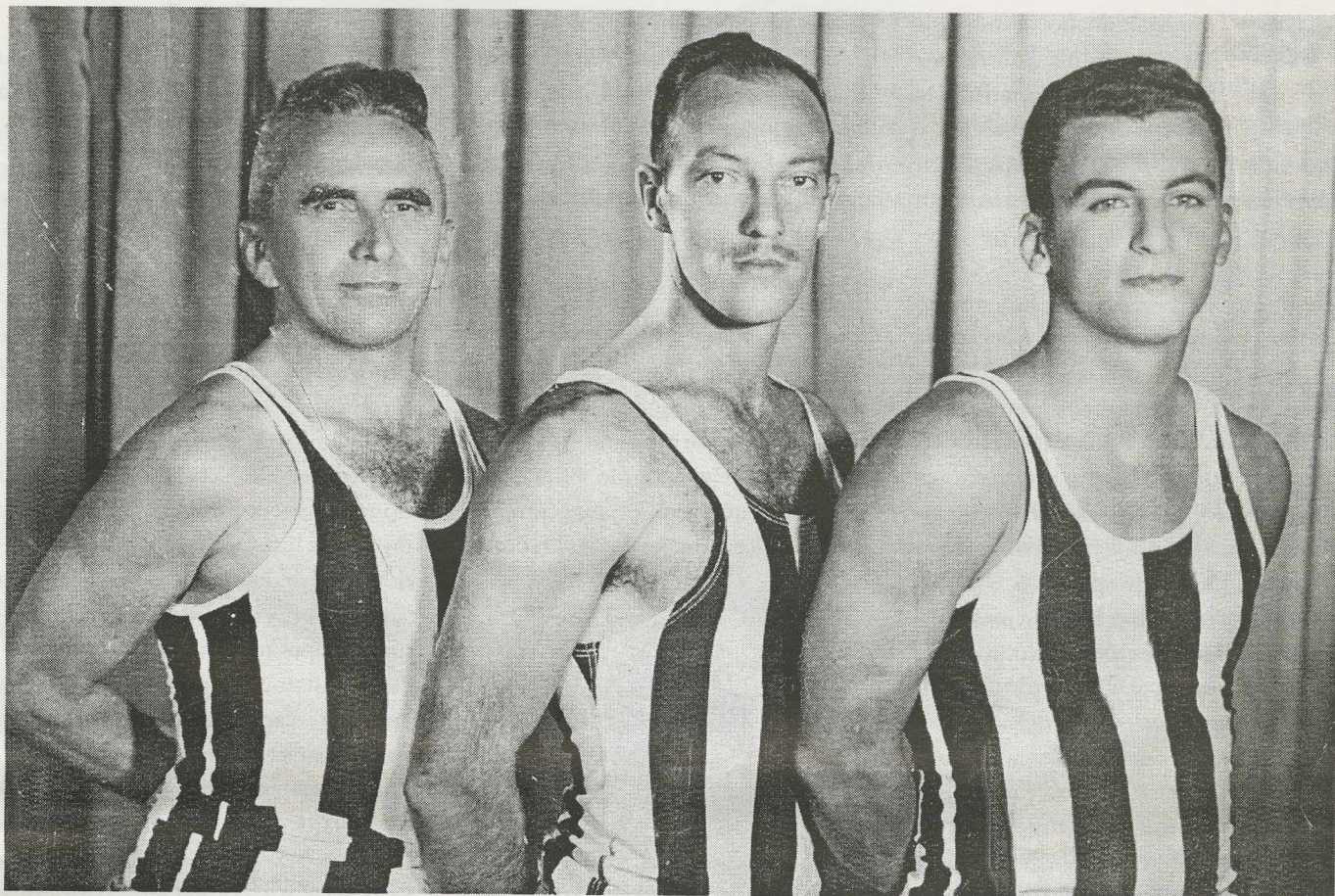
PROVEDOR MÁRIO BERNARDO DE SOUZA




BOOK SHOP

R. Juvenal Lamartine, 10
Medical Center - Lj. 11
Tel. (84) 317 - 5847

Armando Barros de Góis



Remadores do Centro Náutico Potengi: Armando de Góis, Aroldo Klüber e Otávio Lamartine de Faria

 Um homem tranqüilo, organizado, metódico, membro de tradicional família do Estado e com seu irmão Paulo Barros de Góis, formou uma dupla que muito trabalhou pelo esporte amador do RN. Foi dirigente constante e remador do Centro Náutico Potengi, principalmente nas gestões de Silvino Lamartine, Adalberto Marques, Humberto

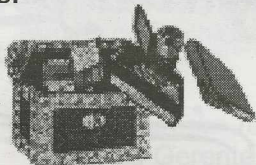
Nesi e Dante de Melo Lima nas décadas de 30/40. Excelente remador, formou com Humberto Nesi, João Ricardo, Solon Aranha e o patrão Luiz Gonzaga dos Santos (Luiz Tabacão), uma guarnição quase imbatível no lendário Potengi. Amigo de todos, no andar cauteloso e nas remadas estudadas, era um estilista insuperável. Nos times de futebol dos jovens

de Natal – o Morte do Ateneu, River Plate e Carnerinho de Ouro, que jogavam amistosamente pelo interior do Estado, a presença de Armandinho era obrigatória, ao lado de Alberto Moura, Francisco das Chagas Carvalho, Genar Wanderley, Mário Fernandes, Waldemar Araújo e outros.

Luiz G. M. Bezerra

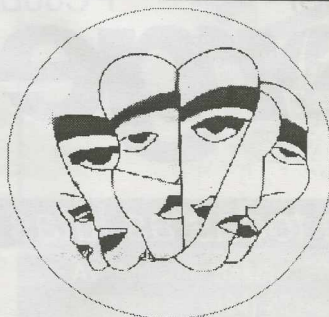
S E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo Espaço 104



Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94
Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

Poucas e boas

Totinha, humano, desportista, servidor público, torcedor “pé roxo” do América!RN é uma figura conhecida e querida de todos os natalenses. Expressão perfeita e acabada do homem cordial. Apelidos da época do futebol de salão, do bate-papo do Grande Ponto, ele teve um, até hoje misterioso, enigmático, igual as novelas de Aghata Christie: o homem B... Nessa história que vou narrar ele obteve mais um epíteto para a sua vasta coleção. Apelido com o charme internacional madrileno, nascido de uma frase infeliz num espanhol rasteiro de Rego Moleiro. Dezembro passado, Totinha, o engenheiro Mário Rocha e suas respectivas famílias, embarcaram num tour pela Europa. Em Madrid visitaram igrejas, castelos, um deles o Palácio da Rainha Sofia que abriga as obras do pintor Picasso, inclusive o famoso quadro “Guernica”. Temperatura de zero grau centígrado, à porta do Palácio, um velhinho oferecia aos visitantes os seus conhecimentos culturais sobre Picasso e sua obra. Segundo Mário, dava para ler na face do ancião o sofrimento do frio, da provação e o mais das vezes a desilusão da falta de clientes. Após a visita o grupo retorna e se deparam novamente com o velhinho, que dessa vez persistia aos brados na oferta dos seus serviços de cicerone na tentativa heróica de conseguir alguns trocados. Totinha, sensível, humano, penalizado até, vendo a figura se aproximar, aproveitou a oportunidade para estabelecer um contato amenizador, exercitando algu-

mas expressões em espanhol, extraídas do fundo do baú. Certo de que abafaria logo de entrada, sapecou solenemente em cima do velho espanhol, PHD em Picasso, a frase inaugural: “Picasso, hombre de Dios!!”. O velhinho, tocado de susto, arregalou os olhos sobre Totinha e fuzilou indignado: “Analfabeto! Vá estudar! Picasso era ateu. Ateu, ateu, ateu!!!”. ‘Tota, tirou’ de fininho, agasalhando-se mais como se quisesse esconder a vergonha e foi se juntar ao restante do grupo, não se arriscando a olhar para trás. Foi aí que, ganhou mais um apelido na galeria da sua fama: “Hombre de Dios!!”.



* * *

O folclorista Zé Areia procurou o escritor e jornalista Nilson Patriota para uma homenagem. “Dr. Nilson, aquele homem feio está aqui para falar com o senhor!”, era a secretária de Nilson anunciando Zé Areia. O almoço ficou combinado para um domingo na casa do anfitrião cuja esposa preparava um peba na pimenta de primeiríssima qualidade. “Posso levar Dozinho?”, pergunta o jornalista. “Pode, é o compositor da cidade”, responde Zé Areia com aquela bonomia inconfundível. Céu azul de domingo limpo chegam os convidados na casa de Zé Areia que chamava a atenção pela higiene, limpeza, arrumação, apesar de ser um homem reconhecidamente pobre. Aperitivos “pebais”, cachaça, cerveja, conversa solta, risadas homéricas, tudo se encaixava no ambiente envolvido pelo cheiro doce e forte proveniente da cozinha. Nas idas e vindas, Zé Areia reaparece aos convidados para entre solene e pesaroso lamentar: “Vocês me desculpem o gosto da comida pois o gato que a gente queria era o danado da vizinha, grande e gordo. Esse daí é um bichinho magro, pequeno que pegamos aqui mesmo na rua...”. Quando Nilson Patriota livido, neutralizado pelo impacto deu conta de si., Dozinho já se esgoelava lá fora vomitando até os bofes. Zé Areia permanecia em pé, calmo e certo de que disse a coisa mais natural do mundo.

Valério Mesquita

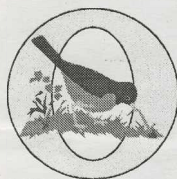
Vereador PCdoB
George
georgepcdobrn@digl.com.br

Com você em todas as lutas

Valério
Mesquita

Deputado Estadual, Advogado, Escritor e
Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras

O Lagarteiro

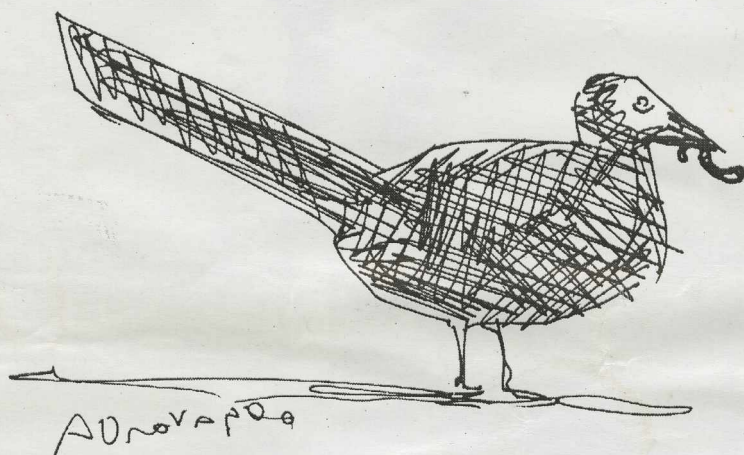


Aqui na roça, o mais curioso dos pássaros é o lagarteiro. Ele tem a cor do anum branco e só canta quando é para dá lagarta no roçado. O seu canto é assim: CAO! CAO! CAO! o trabalhador quando escuta diz: “Ah, o lagarteiro

esverdeadas, tão bonitinhas... Elas nascem de um tipo de mosca que põe nos matos. Daquela larva véia, sai a borboleta que avôa e vai por os seus ovos nas folhas da roça. O roçado fica logo mucho. E, do dia para à noite, surge a lagarta. Tem as que chamam de palmo, que é uma lagartinha verde. Essa, dá

come o campo todinho. Não pára nem de dia e nem de noite. Agente chega a escutar ela cortando a roça sem parar. Quando o pau está pelado, ela desce e sobe em outro, de carreira em carreira, de pau em pau... O mais interessante é que ela vai comendo por cima e caindo por baixo. O chão chega a ficar duro, mas é um adubo muito bom, bem melhor do que o estrumo de gado.

Quando ela deixa cair aquelas fezes no pé da roça, o solo fica duro que nem cimento. Se a lagarta aparecer com a chuva, só se acaba quando fizer sol. Mas, se surgir com o sol, só some mesmo é com a chuva. O mundo dá e o mundo tira. Com quinze dias, quando a lagarta acaba, a roça está trancada de novo. E, para onde vai a lagarta? Prá debaixo do chão e vira o advinhão, que é assim do tamanho de um batom que a muié passa nos beiços. Os meninos gostam de brincar com ele. Um pega a sua cabeça e diz assim: Advinhão”, pra que lado é Natal? Aí, ele aponta com a cabeça. Um outro pergunta: “Advinhão”, pra que lado é o Córrego? E ele se põe assim com a cabeça apontando. O peste advinha mesmo...

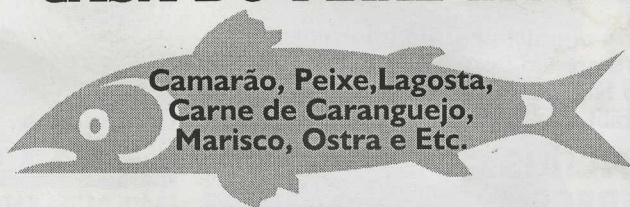


está cantando no mato pra dá lagarta! Não passa nem oito dias e a miserável chega. O povo gosta de matar o lagarteiro assim nas roças pra comer. É gordo que nem toucinho de porco, pois só come lagarta. Sua carne é quem nem banha de porco. Uma miséria de tão “rim”. Pois bem, quando chove, aparece primeiro as borboletas. Tem umas amarelas e outras

pouco prejuízo para a lavoura, pois só faz mesmo é repar as folhas e só anda ajuntando o palmo. Tem a roxa da cabeça vermelha. Essa, é virada na peste! Come roça que é uma cachorra da molesta. Chega a roer até a maniva. E comedeira de roça! Tem a rajada que é assim da cor de maracajá. Essa, também come muito. Quando dá num roçado, com vinte e quatro horas,

Newton Lins Bahia

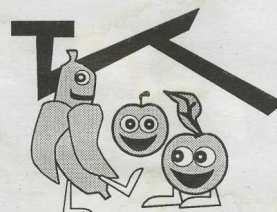
CASA DO PEIXE LTDA



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

XARIAS E CANGULEIROS

Sobre tempos mais distantes,
Desse que agora escrevo,
Sem querer ser um *Cervantes*,
Contar vindita eu me atrevo.

Nem *Romeu* não ousaria,
Sendo ele um *canguleiro*,
Julieta, uma xaria,
Um amor aventureiro.

Era o bairro da *Ribeira*,
Entre as *Rocas* e a *Cidade (Alta)*,
Delimitada fronteira,
Dessa vil rivalidade.

Das *Rocas*, o *canguleiro*,
Pois, cangulo ele comia,
Era a espécie no peixeiro,
Que mais barato ele vendia.

O apelido de xaria,
Pois xaréu era o pescado,
Que a *Cidade (Alta)* preferia.
Um peixe mais refinado.

Tais nomes eram um insulto,
Não importava a idade,
Criança, jovem ou adulto,
Mesma reciprocidade.

Bofete para todo lado,
Pontapé, murro e facada,
Os ânimos exaltados,
Pela honra ultrajada.

Essa época já passou,
E com o bonde ela sumiu,
Pois foi quem pacificou,
No sobe e desce, uniu.

Minha mãe nas *Rocas* se criou,
Morou na rua São João,
Jeito simples que ela herdou,
Praieira minha canção.

Depois, morou na *Cidade (Alta)*,
Uma parte de minha vida,
Sem a vil rivalidade,
As duas partes unidas.

Espero que eternamente,
Seja contada essa estória,
E que daqui para frente,
Seja uma simples memória.

Manuel de Azevedo



FARN

AQUI VOCÊ CONSTRÓI O SEU FUTURO.



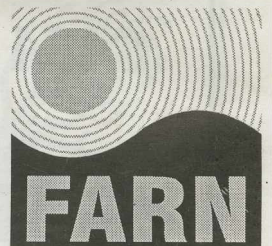
OS MELHORES CURSOS SUPERIORES ESTÃO AQUI

Administração de Empresas
Ciências Contábeis
Direito
Informática: Bacharelado em Sistemas de Informação
Informática: Licenciatura em Computação (NOVO – o primeiro do Nordeste)
Administração com Habilitação em Marketing

E MAIS. DIFERENCIAIS QUE SÓ A FARN OFERECE:

Ensino superior de excelência
No máximo 50 alunos por sala
A mais completa biblioteca, com acesso à internet
Grande curricular sempre atualizado
Estacionamento com segurança
Campus com ampla área verde
Parque esportivo com piscina olímpica e semi olímpica, ginástica, pista de atletismo e campo de futebol

CONVÊNIO COM O FIES
(CRÉDITO EDUCATIVO)



FACULDADE NATALENSE
PARA DESENVOLVIMENTO
DO RIO GRANDE DO NORTE
EDUCAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR

Rua Prof. Eliane Barros, 2000 – Tirol – Natal/RN
Fone/Fax: (84) 211-8688 – www.farn.br

INFORMAÇÕES: 215.2917